BOM DIA FURG 25.09.1992

Bom dia. Rio Grande, 25 de setembro de 1992. Hoje, no Bom Dia FURG, uma entrevista sobre leitura e produção de textos em projeto do Departamento de Letras e Artes da Universidade.

Este programa está iniciando sua edição 380. No estúdio do Bom Dia FURG de hoje, três professoras do Departamento de Letras e Artes. A professora Maria Cristina Teixeira, a professora Neuza Oliveira e a professora Vera Benfica.

Elas são responsáveis por dois projetos, um de ensino e outro de extensão. Esses projetos se denominam Leitura e Produção de Textos. E é sobre esses projetos que elas vão conversar conosco.

De onde nasceu este projeto, Leitura e Produção de Textos, professora Vera Benfica? Bem, de acordo com a necessidade que a gente observa com relação a, exatamente, falta de leitura, de motivação a leitura e para que se chegue a uma produção de textos, surgiu vontade no grupo de estender para a comunidade esse projeto no sentido de auxiliar as pessoas que não têm condições, por exemplo, de se atualizarem fora da cidade e terem oportunidade aqui dentro mesmo, nessa integração universidade-comunidade, de receberem esse tipo de atenção. Então, como justificativa do nosso projeto de extensão, podemos dizer que partiu da consideração que se tem pela imperiosa necessidade de atualização dos docentes e a nova abordagem do ensino da língua materna que visa a formação integral do estudante, numa perspectiva construtiva. Este projeto, o objetivo é despertar a consciência crítica do educador rumo a uma educação libertadora.

Ele está proporcionando uma maior integração, como já disse, da universidade com as escolas de primeiro e segundo graus, da rede municipal e estadual, com ênfase, exatamente, nas séries iniciais. Tendo em vista os objetivos básicos do ensino da língua materna, estão sendo levadas em conta as séries citadas quanto ao desenvolvimento das quatro habilidades, falar, ouvir, ler e escrever. Programou-se uma atividade que oferece aos participantes uma metodologia mais atraente e eficaz no ensino da leitura e produção de textos.

E pretende, também, esse projeto oportunizar uma metodologia de ensino mais real e produtiva, adequada às habilidades necessárias ao educador. Como é que se dá a diferenciação? O título é o mesmo, mas o projeto se dá em nível de ensino e em nível de extensão. Qual é a diferenciação, professora Maria Cristina Teixeira? Bem, o projeto a nível de ensino, neste nós funcionamos como orientadoras, nós três, eu, professora Vera e professora Neusa.

Orientamos as nossas estagiárias do curso de letras, a fim de que eles ministrem aulas para alunos do curso de magistério do terceiro ano, da fase final do curso de magistério. E o projeto de extensão se dá nós atuando como ministrantes e oferecendo o curso para professores da rede municipal e estadual. Até o início deste projeto não havia, até então, um projeto que

auxiliasse na leitura e na produção de textos, quer dizer, nessa área, não havia nada? Não, o projeto surgiu, como a professora Vera já falou, dessa necessidade, a própria comunidade, os próprios professores, os próprios alunos do curso de magistério, procurando, através da universidade, esse tipo de atualização.

Professora Neusa, vocês que trabalham há muito tempo já com a parte da língua portuguesa, ensino de língua portuguesa, de literatura brasileira, enfim, vocês sentem muito a falta de um apoio na produção e na leitura de textos? Exatamente, nós temos percebido que os alunos têm dificuldade, apresentam dificuldades na leitura. Eles leem, mas não entendem o que estão lendo. Inclusive, eu também sou ligada ao vestibular e nós ouvimos muitas vezes alunos se queixar, que deixaram de responder algumas questões porque não entenderam o que estava sendo proposto.

Bom, nós ministramos aulas no curso de letras e percebemos uma das grandes falhas dos alunos é justamente isso, eles não leem, não gostam de ler e não sabem ler. E o que se espera dentro da universidade e mesmo em termos de primeiro e segundo grau? Que o aluno leia e entenda e saiba se expressar a respeito com objetividade, com clareza, que saiba se posicionar criticamente frente aos textos. Então, foi dentro dessa perspectiva que nós resolvemos oferecer esse curso para propiciar aos alunos e provavelmente futuros alunos da universidade e também para os professores uma atualização, uma reflexão sobre a importância do ato de ler, sobre a importância da própria produção de texto.

Professora Vera, este curso iniciou, já é a quarta edição agora que está acontecendo, e iniciou como? Baseado em que programa? Exato, cabe aqui ressaltar que o projeto de extensão de leitura e produção foi realizado em 91, de agosto a dezembro, tendo em vista atender ao programa de alfabetização e cidadania que foi criado pelo ministro Criarelli, que apoiava exatamente esse aspecto. Como não veio mais recursos para esse projeto, nós estávamos pensando em não realizá-lo novamente este ano. Como o MEC, com o ministro Goldenberg, resolveu criar o programa de educação básica, essa integração universidade-escola, então pediram que a gente integrasse, já que o nosso projeto estava para séries iniciais, integrasse também esse projetão atendendo à solicitação do ministro Goldenberg.

Daí nós pudemos atender novamente essas escolas que tinham ficado em falta, porque atendemos 15 escolas do município e 15 do estado no ano passado, e havia ficado sem atendimento exatamente, as outras 15 escolas do município e mais 15 escolas estaduais. Então, houve essa oportunidade e nós resolvemos repetir o projeto. Bom, o projeto tem a participação decisiva dos estagiários do curso de letras, não é isso? Este projeto que eu estou falando é o de extensão, que é administrado por nós.

Com relação ao projeto de ensino, foi atendendo à solicitação dos estagiários, porque como eles sentiram que houve bastante aceitação com relação à primeira vez que foi executada, então eles pediram e nós resolvemos atender. Esse é o projeto de ensino, que é as aulas administradas

pelos estagiários. E de extensão, as aulas são administradas por nós, com alguns convidados também.

Já foram atendidas 15 escolas municipais e 15 estaduais? No ano passado, e agora estão as outras todas, foram convidadas realmente, de 30 vagas. Não estão todas preenchidas, mas faltou assim, talvez, no máximo, faltaram umas 4 escolas, talvez. Eu gostaria de falar a respeito do programa que está sendo desenvolvido no projeto de extensão.

A parte que fica de minha responsabilidade, que ficou, aliás, com a abertura, com relação ao aspecto da leitura que a professora Neuza falou, a conscientização para o leitor, professor, leitor ou não leitor, o que é a leitura nos moldes hoje. Não aquela leitura tradicional, apenas de identificar o código, mas aquele ir além, aquela expectativa que nós tenhamos de conseguir com estes professores, que eles sejam realmente leitores dentro da visão que se tem hoje, a visão crítica que a leitura proporciona e que, muitas vezes, a pessoa não gosta de ler porque exatamente não consegue ir além do que está o código dizendo. No segundo item, a leitura também comparativa, um dos aspectos que nós vamos abordar é o aspecto da leitura comparativa de textos literários entre o texto tradicional, que normalmente se ocupa nas escolas, a leitura é dirigida mais para esse tipo de leitura do texto tradicional conformador e nós estamos mostrando essa visão do texto emancipatório, calcada mais na literatura infantil, juvenil, contemporânea, brasileira.

O terceiro item está por uma leitura da literatura com relação aos textos poéticos e os textos literários ou narrativos, como trabalhar, atividades práticas, motivação para os professores motivarem os alunos deles, essa parte que eu mais posso falar. Depois fica a parte da professora Mariana Tristina, que ela atende a leitura dos textos diversificados, histórias em quadrinhos, jornal e propaganda, como utilizar de sala de aula, ela pode falar melhor. A professora Neuza atende o item por uma formação linguístico-pedagógica do alfabetizador, também ela pode se referir melhor ao assunto e também vamos procurar elementos que colaborem com o nosso projeto para falar sobre a pré-escola, que foi de interesse do grupo, foi um levantamento feito e o grupo mostrou interesse, então nós vamos recorrer a pessoas mais gabaritadas para falar nesse assunto e vão atender as solicitações delas.

Gostaria que a Mariana Tristina falasse a parte. Professora Mariana Tristina, a senhora trabalha com o uso de textos, inclusive jornalísticos dentro da sala de aula, né? Como é que se dá isso aí, o interesse que as crianças e professores têm? Bem, ratificando o que a professora Vera acabou de falar, nós estamos trabalhando em cima de um novo conceito de leitura, então leitura, no projeto que estamos levando a efeito, o conceito de leitura seria captar significações em qualquer tipo de texto, então nós pretendemos colocar, no meu caso, na parte que eu trabalho dentro do curso, colocar à disposição dos alunos o texto nas suas múltiplas possibilidades de realização, então quer o texto de linguagem verbal, quer o texto de linguagem não-verbal. E aí entra a história em quadrinhos, que a história em quadrinhos privilegia o verbal e o não-verbal, entra a utilização do jornal na sala de aula, que seria então a utilização do código escrito dentro

da língua padrão, considerando a língua padrão a língua do texto jornalístico, do jornal falado, do jornal escrito, então colocar este texto à disposição da criança não somente para ele decodificar signos gráficos, mas também para se posicionar diante de uma realidade, porque em contato com estes textos, eles estão em contato com a realidade circundante.

E também o texto da propaganda, saber ler o texto da propaganda, saber estar atento ao texto da propaganda, no sentido, inclusive, de se defender desse texto quando a propaganda é enganosa, no sentido de desmistificar uma ideologia, nem sempre aquela ideologia que deve ser colocada na cabeça do nosso estudante, do nosso aluno, das séries iniciais. Professora, quem lê bem, dentro da leitura crítica, quem lê bem, escreve bem? Olha, o processo de leitura e o processo de produção do texto estão intimamente ligados, porque a leitura toma sentido no momento que alguém a lê, as virtualidades do texto escrito, elas se atualizam no momento da leitura. Então, uma coisa está intimamente ligada à outra.

É claro que quem tem mais vivência de leituras tem melhores possibilidades de escrever melhor, isso é óbvio. Professora Neusa, a sua parte dentro do projeto é mais com relação a textos literários. A formação linguística do professor alfabetizador.

Porque o que nós observamos é que, na maioria dos casos, o profissional que atua nas séries iniciais não tem qualquer noção de linguística. E, portanto, ele tem dificuldade em lidar com os problemas inerentes à aquisição da língua escrita. O aluno chega, a criança chega à escola já dominando a língua falada.

Mas a língua escrita, para ele, é um mistério. Indecifrável no primeiro momento, mas ele tem um grande fascínio pela escrita. Então, a professora tem uma missão muito árdua pela frente e é preciso que ela tenha subsídios linguísticos para saber lidar e avaliar os problemas com que ela se depara na sala de aula.

Por exemplo, a troca de letras. Por que a criança troca um P por um B, um F por um V, um M por um N, um E por um I, um O por um U? O que está acontecendo? É preciso que o professor tenha esse embasamento de fonética e fonologia que a linguística subsidia ao professor. Então, se ele tem esse conhecimento, ele sabe lidar com esses problemas que o aluno apresenta na sala de aula.

Ele não vai considerar esse aluno um incapaz, porque ele troca um E por um I em leite, em vez de leite, por exemplo. Outro aspecto importante para ressaltar é que o professor tem de considerar que a língua escrita tem regras de uso peculiares, diferentes da regra da língua falada. Então, o que acontece nas séries iniciais é que o aluno faz, quando está aprendendo, adquirindo a escrita, ele faz uma transcrição da língua falada para a língua escrita.

E nós não falamos da mesma maneira que escrevemos. Então, o professor, tendo essa consciência, ele terá mais facilidade em arregimentar estratégias para enfrentar essas

dificuldades dos alunos. E vai encarar naturalmente como uma coisa, um processo natural, uma dificuldade natural que, aos poucos, vai sendo vencida.

Nós também trabalhamos algumas coisas, por exemplo, quando se analisa uma cartilha, o texto da cartilha... Eu ia justamente falar sobre a cartilha agora. Exatamente. A cartilha apresenta, na realidade, uma sequência, um feixe de frases superpostas.

Na realidade, não são textos, não há coesão, não há coerência, são frases soltas. Bom, esse exemplo é passado para os alunos. O que a criança vai fazer? Ele acha depois que tem que produzir texto naquela mesma estrutura.

E aí o professor não gosta e cobra. Mas ele realmente está dando esse modelo para o aluno. Então, nós estamos criticando esse trabalho e mostrando que há outras maneiras, outros textos interessantes que podem ser trabalhados na sala de aula, que realmente dão um modelo de estrutura textual para o aluno.

A cartilha não é a melhor forma de se ensinar na alfabetização. O próprio trabalho com a interpretação que é feita são questões do tipo óbvio. Por exemplo, o limão é verde.

O que é verde? É o limão. Então, isso não leva ao desenvolvimento do raciocínio. É uma mera identificação e não contribui em nada para o processo criador do aluno.

Outra coisa que nós também trabalhamos, por exemplo, é o ditado. O ditado é um recurso, ele deve ser um elemento de avaliação. E a própria avaliação do texto, da produção do aluno? Que produção? Aquela produção espontânea.

Será que devemos fazer uma avaliação como processo ou uma avaliação episódica apenas para mais punir do que avaliar o aluno? Então, esses aspectos todos são discutidos na sala de aula, são criticados, apresentamos sugestões. O pessoal também que tem experiência na sala de aula contribui muito apresentando situações que ocorrem. É um trabalho que é bastante gratificante para nós.

Muito obrigada pelas suas participações. Gostaria de dar alguma informação a mais a respeito do projeto. Pois não, professora Vera? Só para não esquecer aqui, as professoras que vão colaborar conosco, as professoras Marilene Brandolci, a professora Silvana Libório Bomes, que trabalha no Juvencio Lemos e agora está na universidade também, e a professora Maria de Lourdes Baguete Gonçalves.

Serão professoras que colaborarão no nosso projeto. Muito obrigada, então, pela sua participação. Senhora Neusa, gostaria de mais alguma informação? Eu só gostaria de deixar aqui nosso agradecimento por esse espaço, essa oportunidade de colocar para a comunidade o trabalho que nós estamos desenvolvendo e também salientar que este projeto já está sendo reeditado, conforme minhas colegas disseram.

O que nos levou a isso foi que, ao final do curso, nós sempre aplicamos uma ficha de avaliação e sempre os participantes, em todos os itens, manifestam que estão satisfeitos com os trabalhos desenvolvidos, com as propostas, com as sugestões, e sempre estão solicitando que o curso tenha continuidade para que outras pessoas tenham a oportunidade também de ter essa vivência conosco lá. Então, para nós é gratificante, por isso nós temos dado continuidade ao trabalho. Já não há tempo para outras informações e o Bom Dia FURG encerra hoje por aqui.

Estaremos de volta na próxima segunda-feira, mesmo horário. Até lá!